



A FORMAÇÃO A DISTÂNCIA DE ARTE-EDUCADORES: SOBRE AS HISTÓRIAS QUE PRECISAMOS CONTAR PARA VOCÊ

*THE DISTANCE FORMATION OF ART-EDUCATORS:
ABOUT THE STORIES THAT WE NEED TO TELL YOU*

Lilian Ucker Perotto

Universidade Federal de Goiás, Brasil
lilianucker@gmail.com

Resumo

Este artigo apresenta o estado inicial de uma pesquisa acadêmica cujo tema está centrado nas histórias que marcam as trajetórias de ensinar/aprender de professores e egressos da licenciatura em artes visuais a distância da FAV/UFG. Para isso, reconstruo meu percurso formativo até a educação a distância, destacando fatos e experiências que influenciaram minha aproximação na modalidade. A seguir, pontuo os motivos pelos quais a pesquisa a respeito das narrativas de aprendizagem de egressos do curso de licenciatura em artes visuais a distância torna-se necessária, podendo revelar as histórias que existem por detrás dos números.

Palavras-chave: educação a distância; ensino das artes visuais; narrativas biográficas.

Abstract

This article presents the initial state of an academic research whose theme is centered in the histories that mark the learning trajectories of teachers and graduates of the degree in visual arts at a distance education of FAV/UFG. For this, I reconstruct my training course until distance education, highlighting facts and experiences that influenced my approach in the modality. Next, I outline the reasons why research on the learning narratives of graduates of the distance-learning bachelor's degree course becomes necessary, and can reveal the stories behind the numbers.

Keywords: distance education; visual arts teaching; biographical narratives.

Vivemos tempos em que as tecnologias indicam que é possível aprender e ensinar a distância. No contexto brasileiro, a educação a distância ganhou expressiva notoriedade com o sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB), que a partir de 2006, expandiu a oferta dos cursos de ensino superior no interior do país através das instituições públicas. Com a ampliação das vagas, um dos temas que ganha mais destaque é a qualidade dos cursos ofertados nessa modalidade, que parecem estar sempre submissos a sua versão presencial. Na arena dos debates, os cursos de formação de professores em artes visuais, têm lutado para que seu reconhecimento vá além do número de estudantes formados. Diante de tantos desafios e polêmicas sobre ensinar/aprender

mediado pelas tecnologias digitais, tenho me perguntado constantemente sobre qual tem sido a nossa contribuição a formação de professores e ainda que profissionais estamos formando. Desde 2007, a Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás formou aproximadamente 497 novos professores de arte. Estes profissionais que hoje estão espalhados pelos estados do Brasil, carregam marcas, histórias e aprendizagens que foram construídas durante o período em que se graduaram. Mesmo mantendo o contato com muitos deles, desconhecemos o percurso que cada um construiu após a formatura, se vinculado ou não ao ensino das artes visuais. Para responder a pergunta, de qual tem sido a contribuição da modalidade a distância a formação de professores em artes visuais, decidi junto aos relatos dos egressos de quatro turmas formadas pela Faculdade de Artes Visuais na modalidade a distância e dos professores que dedicam sua carga horária na EaD, investigar as histórias que tais sujeitos contam sobre suas trajetórias de aprender/ensinar artes visuais, partindo dos seguintes tópicos: o que/como aprenderam, quais experiências foram significativas durante o curso e qual o caminho trilhado após a finalização do curso em relação ao campo do ensino das artes visuais. Motivada a conhecer estas histórias, a pesquisa também aponta dados referentes aos grupos ofertados pela Faculdade de Artes Visuais destacando experiências significativas e desafiadoras durante os percursos de cada turma. Neste momento, os relatos de professores ajudarão a compreender que percurso foi este, quais os dilemas enfrentados e quais foram as saídas para afrontar tais desafios.

Mesmo em estágio inicial, para esta comunicação reconstruo meu percurso formativo até a educação a distância, destacando fatos e experiências que influenciaram minha aproximação na modalidade. A seguir, pontuo os motivos pelos quais a pesquisa a respeito das narrativas de aprendizagem de egressos do curso de licenciatura em artes visuais a distância torna-se necessária, podendo revelar as histórias que existem por trás dos números.

Percursos formativos até a Educação a Distância

Desde que finalizei minha pesquisa de doutorado em 2015, organizada através de 7 cartas, tenho adotado práticas de escritas desde uma perspectiva reflexiva autobiográfica, textos que expressam e usam das emoções pessoais e apontam para singularidades das trajetórias de vidas e seus percursos formativos. Apesar de se aproximar daquilo que Foley (2010, p. 475) explica como ‘reflexividade confessional’, ou seja, um tipo de relato mais intuitivo e experiencial, onde o pesquisador se posiciona de uma forma menos imperialista e autoritário, este tipo de escrita mais acessível tem como objetivo aproximar “um público comum” criando “uma espécie de ‘reciprocidade linguística’ que transcende os regimes discursivos de todas as disciplinas acadêmicas” (FOLEY, 2010, p. 484). Além de romper abertamente com a “habitual voz científica objetivadora” (FOLEY, 2010, p. 483), relatos que se utilizam do recurso da reflexividade demonstram principalmente “em como o escritor se posiciona no texto e utiliza suas experiências tanto como tema da investigação como recurso para investigar a experiência problemática” (DENZIN, 1997, p. 217).

Este texto tem como eixo central de discussão, a educação a distância, mas especificamente, a formação de arte-educadores a distância. E por isso, por ser exatamente um tema (prática) tão envolvente para mim, introduz o estado inicial de uma pesquisa que tem como foco as histórias que marcam trajetórias de ensinar/aprender de professores e egressos da licenciatura em artes visuais a distância.

Neste sentido, fez-se necessário apresentar o percurso que me levou até a universidade, um percurso onde os processos de ensino e aprendizagem eram pouco influenciados pelas tecnologias digitais. Mesmo já vivendo em um mundo interconectado, desconhecia o que chamamos hoje de *ensino bimodal* ou *ensino a distância*. Por ensino bimodal compreendemos aquele onde os estudantes “têm oportunidade de se reunirem face a face nos estudos em sala de aula e, em seguida, têm oportunidades de trocar experiências, realizar debates e essencialmente participar de uma diversidade de formas de comunicação em um ambiente virtual” (GUAREZI; MATOS, 2009, p. 88). Entende-se por *ensino a distância*, o “aprendizado planejado que ocorre normalmente em um lugar diferente do local de ensino, exigindo técnicas especiais de criação do curso e de instrução, comunicação por meio de várias tecnologias e disposições organizacionais e administrativas especiais” (MOORE, KEARSLEY, 2008, p. 2).

Posso afirmar que até a realização do meu mestrado em Cultura Visual (FAV/UFG) finalizado em 2006, minha educação esteve nos moldes daquilo que atualmente chamamos de ensino presencial. Caracterizado pelo contato físico e a não-separação dos corpos, a escola (ensino infantil, fundamental e médio) e a universidade (graduação e pós-graduação), foram espaços vividos desde uma perspectiva convencional do ensino, onde as tecnologias digitais pouco influenciaram os modos de ensinar e aprender. Além do uso do power-point ou ainda do retroprojetor pelo professor, costumávamos fazer uso nas aulas da graduação do computador para a produção dos rapports, uma técnica de encaixe utilizada no atelier de design de superfície e estamparia. Foi no início do século XX, que ganhei meu primeiro computador. Naquela época, precisei convencer meus pais o quanto era importante tal equipamento para minhas práticas na universidade. Ainda assim, desconhecia as discussões sobre as contribuições das tecnologias digitais aos processos de ensino e aprendizagem e não imaginava que já estávamos vivendo a quarta geração da EaD, baseada na tecnologia da teleconferência (MOORE; KEARSLEY, 2008).

Para Passos (2018), nos encontramos atualmente em uma geração onde todas as mídias encontram-se integradas e o processo de comunicação cada vez mais interativo. Se na década de 1960, o rádio e a televisão foram os meios utilizados para caracterizar a segunda geração da EaD, que desta vez, proporcionavam uma comunicação síncrona, ou seja, simultânea, a quinta geração conforme Moore e Kearsley (2007) caracterizou-se pelo ensino por Internet ou web através da criação das aulas virtuais. Neste sentido, afirma Passos “o que mudou de uma geração para outra foram as possibilidades oferecidas pelos processos de comunicação, os quais acabaram tornando-se cada vez mais interativos, sendo que cada geração foi construída a partir da outra, ao invés de substituí-la” (2018, p. 32).

Apenas em 2003, quando estudante da Licenciatura em Desenho e Plástica pela UFSM, que tive em minhas mãos pela primeira vez um texto que abordava questões a respeito do uso da tecnologia em sala de aula. Naquela época, não imaginava que tal temática se tornaria um dos focos de minhas discussões na universidade, no entanto, a tecnologia como um ‘meio’ para ensinar/aprender arte através da educação a distância. Neste texto, Pimentel propõe reflexões sobre produção artística, tecnologia digital e o ensino da arte, destacando que “o uso de novas tecnologias na escola se faz, tradicionalmente, com alguma defasagem em relação ao seu aparecimento” (2003, p. 115).

Durante o mestrado em Cultura Visual, tive a oportunidade de cursar uma disciplina com a professora Dulcimira Capisani, cuja temática também estava centrada nas questões que envolvem a arte e o mundo digital. Aliás, ao entrar em contato com os estudos da cultura visual, foi inevitável não trazê-la para o campo de debate, afinal de contas, com a chegada da internet, nossa relação com o mundo e as pessoas, e conseqüentemente o acesso a informação, e logo ao conhecimento, foram definitivamente reconfigurados, redimensionando principalmente as noções de espaço, tempo e da aprendizagem. Mas nesta época, por volta de 2004/2005, minha percepção sobre as possibilidades e usos da tecnologia, estavam limitados aos modos de produção da arte. Visita a exposições e bienais, participação em seminários e grupos de discussões, leitura e estudo de textos, porém o ensino mediado pelas tecnologias ainda não integrava meu contexto de atuação.

Foi durante a realização do doutorado na Universidade de Barcelona na Espanha que conheci o que hoje definimos como aprendizagem digital. Em Barcelona atuei no período de 2006 a 2009 como bolsista de um grupo de inovação docente chamado Indaga’t. O grupo formado por professores de diversas áreas do conhecimento, tinha como objetivo principal contribuir a formação de estudantes universitários com um alto grau de autonomia intelectual, criatividade, colaboração e predisposição para arriscar-se a seguir aprendendo na sua vida pessoal e profissional (SANCHO ET AL, 2008). Para alcançar o objetivo, trabalhávamos com base na perspectiva construcionista e que, centrado em favorecer a criação de experiências de aprendizagem por parte dos estudantes, também utilizávamos uma plataforma digital (moodle) como complemento e ampliação dos papéis e das experiências de professores e estudantes. Foi através desta experiência que minha concepção sobre ensinar e aprender foi sendo redimensionada. Além disso, acompanhei durante dois anos professores da disciplina de Tecnologia Educativa da Universidade de Barcelona, que propunha aos estudantes compreender o uso das tecnologias não apenas como um meio para mediar o conhecimento, mas como “o modo sistemático de conceber, aplicar e avaliar o conjunto de processos de ensino e aprendizagem, levando em consideração, ao mesmo tempo, os recursos técnicos e humanos e as interações entre eles, como forma de obter uma educação mais efetiva” (UNESCO, 1984, p. 43-44).

A experiência de acompanhar estes professores em suas aulas e também o modo como os componentes do grupo de inovação docente transitavam entre o espaço da sala de

aula e a plataforma moodle, foram decisivas para minha prática docente, que logo mais tarde estaria vinculada ao ensino a distância.

O ensino a distância e a formação de arte-educadores: histórias que precisam ser compartilhadas

Desde 2009, quando ingressei como professora efetiva na Universidade Federal de Goiás, tenho dedicado uma parte significativa da minha carga horária as atividades que envolvem o ensino a distância. Das atividades realizadas destaco a coordenação do programa pró-licenciatura (2009/2012), atuação como professora formadora em distintas disciplinas das turmas já ofertadas (UAB 1, UAB 2, Parfor e Pró-licenciatura), reuniões com tutores e equipe de apoio administrativo, elaboração de material didático, organização de encontros presenciais, visitas aos polos, confecção de relatórios a Capes, etc.

Atualmente me encontro na coordenação da quinta turma do curso, que teve sua entrada em setembro de 2017. Além de ministrar disciplinas como Fundamentos da EaD, História do Ensino das Artes Visuais no Brasil e Introdução ao Trabalho de Investigação, tenho me reunido com tutores e professores para organização dos percursos (semestres). Também participo de reuniões administrativas, compondo comissões, produzindo relatórios aos órgãos de fomentos e faço a mediação junto a equipe de produção de material do Ciar para organizar o e-book com os materiais do curso e também a produção de vídeo-aulas. Além disso, desde 2014 atuo na coordenação pedagógica do Centro de Aprendizagem em Rede (CIAR/UFG), órgão suplementar da reitoria que atua na gestão e apoio às atividades de ensino/pesquisa/extensão vinculadas ao Ensino a Distância da Universidade. Nesta tarefa, que completa 5 anos neste ano, sou responsável pela organização e oferta de cursos de formação de tutores e de outros tipos de capacitação que envolvem a plataforma moodle e a formação docente através das tecnologias digitais de informação e comunicação.

Durante estes anos, envolvida nas inúmeras atividades mencionadas anteriormente e por isso, dedicada a uma carga horária intensa na EaD, muitas foram as tentativas de iniciar uma pesquisa que tratasse de alguns temas que envolvem as ações desenvolvidas na universidade através da educação a distância. Mesmo sabendo da importância da pesquisa para este campo, tais tarefas despendiam meu tempo, fazendo com que a pesquisa ficasse sempre em modo 'espera'. Para seminários e eventos, costumava escrever e apresentar sobre temas pontuais da minha experiência na modalidade. Por outro lado, passei a acompanhar o crescimento e o interesse pela pesquisa nesta área. Apesar de reconhecer a necessidade de estudos mais aprofundados sobre as práticas que vêm sendo desenvolvidas ou ainda sobre os avanços que o campo vem conquistando, me inquieta que muitas pesquisas estão sendo desenvolvidas por estudiosos que têm pouca (ou nenhuma) proximidade com o campo.

De 2007 a 2018 já atuamos em mais de 15 polos, fizemos aproximadamente 150 viagens aos polos para realização dos encontros presenciais, orientamos em torno de 187 trabalhos de conclusão de curso. Em quatro ofertas, formamos 497 arte-educadores. Nossa equipe já contou profissionais da área de design gráfico, da área de TI (tecnologia da informação) e cerca de 100 tutores já atuaram no curso. Além disso, contamos com a participação de professores de distintas instituições do Brasil e de outros países para a escrita e produção de materiais didáticos do curso.

Todos estes dados compõem o cenário da experiência da oferta de cinco turmas da Faculdade de Artes Visuais. Cada uma com suas particularidades, ofertadas em períodos distintos, com questões e demandas diferentes a serem resolvidas. São números, experiências acumuladas e certa urgência (além de desejo) de falar/escrever/refletir/pesquisar sobre as ações que muitos de nós desenvolvemos na universidade.

Em muitas reuniões de conselho de diretor na unidade em que atuo, imaginei possíveis temas para uma pesquisa cujo foco seria a experiência na EaD. Um deles era (ou é) o incômodo que a modalidade ainda causa em muitos. Nestes 10 anos, observei que passamos da rejeição para a indiferença ou talvez desinteresse. Ainda tangenciamos muitas discussões na universidade, ainda pedimos permissão para contarmos as nossas lutas, as nossas conquistas. Ainda são poucos os que perguntam como fazemos. Talvez, porque sejamos uma instituição com finalidade dupla, aquela “que agrega [agregou] educação a distância a seu campus previamente estabelecido e ao ensino baseado nas classes” (MOORE; KEARSLEY, 2008, p. 4). Reconheço, reconhecemos que a EaD tem provocado mudanças não só nas políticas, mas também na estrutura e na organização pedagógica de muitos cursos presenciais, “tornou-se parte da instituição” (PEROTTO; OLIVEIRA, 2017, p. 127). Nesta arquitetura da instituição, rompe-se com uma estrutura e a “educação a distância passa a desmaterializar a ideia de universidade” (GUIMARÃES, PEROTTO, 2013, p. 80).

Mesmo percebendo as mudanças na universidade, nos perguntamos constantemente o que nos move a seguir ofertando turmas a distância, apesar de tantas angústias e preocupações com o cenário político atual. Quando nos preparávamos para ofertar a turma de 2017, eu e uma colega da universidade escrevemos um texto compartilhando nossas expectativas para a nova oferta. O texto, escrito no formato carta e direcionado aos novos estudantes, foi publicado no Confaeb 2017, realizado em Campo Grande (MS). Nesta carta, destacamos (GUIMARÃES; PEROTTO, 2017) que o que nos move na EaD é a esperança para:

[...] que possamos continuar a oferecer uma formação crítica, atenta aos trânsitos culturais, investindo em outras estéticas, nos saberes locais em diálogo com os globais. Uma formação que procura desconstruir a distância como distante. Que aposta nos processos de criação artística, na importância da fundamentação teórico-epistemológica bem como na formação cultural ampliada. Que se apoia em velhas e novas tecnologias. Uma formação que se faz na compreensão dos nossos tempos históricos para entender o passado e construir presentes futuros ou mesmo, futuros presentes entendendo a formação almejada enquanto constante devir (GUIMARÃES; PEROTTO, 2017, p. 1258).

Passado alguns meses do início do novo grupo de estudantes da Licenciatura em Artes Visuais EaD, fomos surpreendidas com o anúncio de um novo edital. Tínhamos a chance de ofertar mais uma turma, desta vez com previsão de início para o 1º semestre de 2019. Neste momento, foi importante recordar que logo após o encerramento do processo seletivo da quinta turma, realizado através do vestibular, recebemos inúmeras mensagens de pessoas solicitando informações a respeito de um possível novo ingresso. A procura pela formação em artes visuais ainda é expressiva, mesmo observando um número considerável de cursos que têm sido ofertados pelo Brasil, via instituição pública e privada.

Em recente pesquisa realizada no site do e-mec, base de dados oficial de informações relativas às instituições de ensino superior do Ministério da Educação e Cultura do governo federal, encontramos o registro de 33 cursos de licenciatura em artes visuais a distância sendo ofertados no Brasil. Destas 33 instituições, 19 são de privadas. Algumas delas, como a Universidade Paulista (UNIP), tem registrado no sistema a oferta de 47.880 vagas. Outras instituições como Centro Universitário de Jaguariúna tiveram 7.000 vagas autorizadas. Dentre as instituições públicas, ofertadas via sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB), encontramos por exemplo, a UNB com a disponibilização de 436 vagas, a Universidade Federal do Maranhão com 100 vagas, a Universidade Federal Rural de Pernambuco com o registro autorizado de 180 vagas, além de outras cadastradas no sistema e-mec.

Mas é importante destacar, que estes números não traduzem as experiências qualitativas dos sujeitos envolvidos no ensino a distância, neste caso, dos professores que atuam no curso e dos egressos das quatro turmas finalizadas nos anos de 2011, 2013, 2014 e 2015 na Faculdade de Artes Visuais (UFG).

Em artigo recente, publicado na revista digital do LAV/UFSM (Laboratório de Artes Visuais), conto aos leitores como a experiência de produção de material de uma disciplina e logo a atuação docente na mesma, me motivou a seguir investindo no tema das trajetória biográficas.

A disciplina de Pesquisa em Ensino de Arte foi ofertada pela primeira vez em 2011 e para o primeiro grupo da Licenciatura em Artes Visuais a distância da Faculdade de Artes Visuais (UFG). Estes alunos estavam cursando o 7º semestre do curso, ou seja, já haviam percorrido um caminho significativo da sua formação. A disciplina tinha como objetivo central conhecer, compreender e analisar como o aluno da modalidade a distância representava sua trajetória/experiência no curso. Nosso interesse era saber o que haviam aprendido e como davam significado às aprendizagens (PEROTTO, 2018, p. 153).

Com esta experiência tivemos acesso a informações importantes sobre o percurso destes estudantes no curso. Além disso, o estudante foi capaz de refletir sobre suas aprendizagens, compartilhando imagens que representavam sua experiência no curso. Os anos se passaram e muitos deles seguem dialogando conosco. Apesar das notícias nas redes sociais, mensagens via e-mail, encontros em outros espaços institucionais, sabemos pouco sobre o que aconteceu

com estes estudantes após a finalização do curso. Alguns deles se tornaram tutores do curso em andamento, outros retornaram a Fav como alunos de mestrado e doutorado e ainda como professores substitutos. Certa vez ouvi de uma colega que uma egressa do curso se tornou secretária de cultura do município onde reside. Mas também soube que muitos não atuam como arte-educadores, alguns porque a escola não permitiu a mudança de área de conhecimento, outros porque não encontraram espaços em suas cidades para atuarem.

É desta experiência na disciplina de Pesquisa em Ensino de Arte que nasce meu interesse inicial em conhecer as histórias que contam os egressos do curso de Licenciatura em Artes Visuais. Histórias que podem ser de aprendizagens, de afetos, mas também de superação. Relatos que tornem as histórias mais importantes que os números divulgados constantemente através das mídias a respeito da educação a distância. Relatos que contribuam para o ensino da arte e da cultura visual deste país.

Referências

DENZIN, N. K. **Interpretive ethnography**. Ethnographic practices for the 21st Century. Thousand Oaks, CA: Sage, 1997.

FOLEY, D. E. Critical Ethnography: the reflexive turn. *International Journal of Qualitative Studies In Education*, v.15, n.4, p. 469-490, 2002.

GUAREZI, R. C. M.; MATOS, M. M. **Educação a distância sem segredos**. Curitiba: Ibpex, 2009.

GUIMARÃES, L; PEROTTO, L. A formação de arte-educadores a distância: uma carta que projeta o que está por vir. In: **XXVII Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil; V Congresso Internacional dos Arte/Educadores; II Seminário de Cultura e Educação de Mato Grosso do Sul** [recurso eletrônico]: anais/comissão organizadora, Caciano Silva Lima, Vera Lúcia Penzo Fernandes. – Campo Grande, MS: Federação de Arte/Educadores do Brasil, 2017.

_____. (Des)colonizações: de que contextos falamos quando falamos de educação à distância? **Revista Digital do LAV**. Santa Maria - ano VI, n.11, p. 73-89 - set. 2013.

_____. EAD: Entre passado, presente e futuro ainda haverá espaço para a formação em artes visuais? In: M. A. de C. CORASSA, M. G. D. GONÇALVES e M.M. REBOUÇAS (orgs.) **Sentidos e significações de uma educação em artes visuais em tempos contraditórios** [recurso eletrônico]. 1ed. Vitória - ES: UFES. 2017.

MOORE, M.; KEARSLEY, G. **Educação a Distância: uma visão integrada**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

PASSOS, Marize Lyra Silva. **EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: breve histórico e contribuições da Universidade Aberta do Brasil e da Rede e-Tec Brasil** [recurso eletrônico]. Vitória, ES: edição do autor, 2018.

PEROTTO, Lilian Ucker. Reflexões entre pesquisa e experiência biográfica na formação de arte-educadores. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria: UFSM, v. 11, n. 2, p. 147-165, mai./ago. 2018.

PEROTTO, L; OLIVEIRA, M. R. A formação para docência no ensino superior em tempos Tecnológicos. In: LIMA, D. C. B.; SANTOS, C, A.; TOSCHI, M. S. **Educação a distância**: realidades, evolução e contextos. Anapólis, Editira UEG, 2017, p.127 -136.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. Tecnologias Contemporâneas e o Ensino de Arte. In: BARBOSA, A.M. (org) **Inquietações e Mudanças no ensino de Arte**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SANCHO, J. M.; MARTINEZ, F.; HERNÁNDEZ, F.; SANCHEZ J. A.; ALONSO, C.; FORÉS, A.; MORENO, A.; UCKER, L. Indaga't desde la voz de los estudiantes (PDF, 89KB). In: **V Congrés Internacional de Docència Universitària i Innovació**. Lleida, del 3 al 5 de juliol de 2008. Disponível em < http://webs.esbrina.eu/indagat/docs/Sancho_y_otros.pdf > Acesso em: 10 de agosto de 2018.

Minicurrículo

Lilian Ucker Perotto

Licenciada e Bacharel em Desenho e Plásticas (UFSM). Mestre em Cultura Visual (UFG). Doutora em Arte e Educação (UB/Espanha). Professora Adjunta da Faculdade de Artes Visuais, FAV/UFG. Coordenadora da Licenciatura em Artes Visuais, modalidade a distância, FAV/UFG. Coordenadora Pedagógica do Centro de Aprendizagem em Rede, CIAR/UFG.

